

212

**ESTEREOGRAFIA: A TRADUÇÃO DA INFÂNCIA NO TEXTO EDUCACIONAL.** Luiz Daniel Rodrigues, Sandra Mara Corazza (orient.) (UFRGS).

Quantas vezes é necessário ler um texto? Como incitar o plural de uma escrita educacional e revertê-la em seu campo de forças, afim de captar as ondas do infantil que rondam o currículo? Como escapar da simples *indução* paradigmática, e, ao contrário, fazer com que os paradigmas textuais mostrem sua face conectiva, remetendo a outras línguas e a outros textos? Iniciemos: esboçar a *estereografia* de um texto, a começar pela tradução. A tradução pode mostrar muito bem o relevo dos elementos textuais pois parte dos sentidos da infância e deixa-se ler, nas entrelinhas, em quais outras línguas a força do infantil necessariamente translada. Assim: 1. um *fragmento da narrativa*; 2. os desdobramentos da tradução de uma língua em outra, suas *diferenças sistemáticas*; 3. a *topologia* textual que não diferencia as línguas mas considera a translação de uma multiplicidade de textos. Questão de quebra, desrespeito, gesto interrompido. Foi assim com Barthes e sua interrupção de Balzac. Mas o que será mesmo uma tradução? Abertura do original e desprezo por sua suposta totalidade semântica, a tradução presente desde sempre, nos meandros de um relato, de uma avaliação, de um planejamento na educação do infantil. (CNPq).